

A Mulher e a Filosofia Clínica

Lúlia Paula Peixoto de Campos Brum¹

Em um mundo que toda hora tenta definir o que é “ser mulher”, a Filosofia Clínica caminha ao inverso: o de não buscar respostas prontas, mas escutar o que a mulher entende de si mesma. Ser mulher, sob o olhar do filósofo clínico, não é corresponder a um ideal, mas reconhecer a singularidade em cada significado atribuído a esse papel existencial, seja nas experiências, afetos, contradições e sentidos que formam a Estrutura de Pensamento de cada indivíduo. Antes de qualquer papel social, a mulher é uma pessoa em construção e, é nesse espaço único que o ser e o dever ser podem entrar em conflito, abrindo o caminho para dores, mas também pode ser um momento apropriado para se alcançar a autenticidade.



A história e a historicidade têm escutas diferentes para a Filosofia Clínica. Enquanto a história é a visão factual dos acontecimentos, a historicidade é a história de vida contada por uma pessoa que tem sua interpretação subjetiva dos fatos narrados. A forma e os modos que a pessoa narra a própria historicidade podem ser em primeira pessoa, na terceira pessoa, numa figura, objeto ou personagem fictício e através da história de vida de uma outra pessoa. Portanto, a (o) partilhante, papel existencial dado a quem passa pela terapia com o filósofo clínico, pode se identificar ou não com a sua própria historicidade. Com a consciência de que é possível modificar o roteiro da própria vida, a(o) partilhante ganha liberdade para se aproximar da identidade que mais represente a sua essência.

A mulher dentre os vários significados do ser mulher, tem consciência de quem escreve a sua história? Essa é uma resposta difícil de se alcançar, pois teremos autorias emaranhadas da historicidade e da construção do próprio ser. Por um lado, cada mulher

¹ Filósofa Clínica, professora adjunta da Casa de Estudos Francisco de Assis - Centro de Filosofia Clínica. luliapaula@yahoo.com.br



busca o seu espaço no mundo como assim acredita que deva ocupar. Diante de seus gostos, suas escolhas, suas experiências, ela vai perpassando por autorias diversas, seja algumas escritas por ela, outras escritas por uma cultura, outras escritas por estereótipos e, assim uma diversidade de autores vão escrevendo a sua vida.

A consciência desse processo de construção do próprio “eu” pode ser o portal para uma jornada de reconexão consigo mesma. Onde o ato de construir e de ser construída ganha consciência trazendo em conjunto a liberdade para modificar aquilo que não lhe seja autêntico.

O papel existencial da mulher recebe um respiro com a Filosofia Clínica, pois sua definição e sentido são acolhidos pela singularidade, que é tão importante para uma escuta atenta. Dessa forma, o termo mulher está livre de generalizações e rótulos sociais e, está contido no que faz sentido para cada um.

A frustração do ser mulher ganha espaço quando os estereótipos assumem o controle em detrimento do apenas viver o que se é. Os papéis existenciais assumidos pelas mulheres podem conflitar com os papéis que essa mulher consegue ser. Em uma sociedade onde exige com rigidez que a mulher seja sempre aquela que cuida, que compreende, que apazigua, que gera, que acrescenta, pode não caber no mundo real de uma mulher que não aguenta mais ser o que deve ser. A existência pode não sustentar a exigência de várias expectativas internas e externas.

Quando uma mulher procura terapia com a demanda sobre o seu papel existencial de mãe, alguns pré-juízos e estereótipos vem à tona. A mulher tem como “dever ser” de nascer com um instinto maternal, onde o desejo de ser mãe deve sempre existir. E quando essa mulher decide ser mãe, esse papel ou persona sobrepõe às outras personas dessa mulher? Será que ser mãe deve ser sempre prazeroso? Esses questionamentos podem aparecer em clínica. Como filósofa clínica, o meu papel é estudar como essa mulher entende e percebe o papel existencial de ser mãe e ser mulher. Na historicidade podemos verificar como foi construído o conceito e significado de o “dever ser” e do “ser” mulher na persona de mãe. Quando identificamos o que é autêntico nessa mulher que procura a clínica, nos aproximamos do caminho onde fará mais sentido para essa partilhante ser conduzida com a finalidade de deixá-la mais confortável com o seu papel existencial e a sua percepção desse papel. Na nossa sociedade o papel de mãe ainda é muito romantizado. E isso causa muitos conflitos para as mulheres.

A gravidez é um período de grandes dificuldades biopsicossociais para várias mulheres. Um momento em que o organismo tem várias alterações hormonais e físicas



que muitas vezes trazem problemas na saúde dessa mulher. Entre vômitos e mal-estares, essa mulher tenta sobreviver a um período em que o corpo pede atenção e o que poderia ser um momento prazeroso se transforma em experiências de dor e angústia. Nesse caso, como essa mulher poderá perceber a gravidez como um momento bom? Poderá haver conflitos existenciais nessa vivência.

Um outro ponto é quando a mulher grávida tem que lidar com a rejeição da família e até mesmo de seu companheiro ou companheira. Um momento em que é cobrado pelo corpo perfeito, a disposição irretocável e uma estabilidade emocional que não combinam com as oscilações hormonais. As variáveis são muitas e as consequências também. Nesse caso, como pode a mulher sentir prazer nesse papel existencial?

O papel existencial de mãe pode não ser tão prazeroso quanto dita uma sociedade que não acolhe a mulher em suas questões emocionais e biológicas. E quando falamos nas questões sociais, observamos as cobranças de estereótipos idealizados e pouco aplicáveis a realidade. Uma expectativa frustrante de sentimentos, de exigências físicas e realidades socioeconômicas que não condizem com que essa mulher-mãe idealizada consegue experienciar. Muitas mulheres sofrem pressões no trabalho por uma produtividade que não será possível na sua realidade. O ambiente de trabalho pode pressioná-la a ter que aparentar que tudo está como antes e o que tem por vir de nada alterará o fruto do seu servir no trabalho. O corpo terá que dar conta das alterações físicas sem afetar o emocional. O dilema é quando o ideal não respeita o real. As questões que envolvem o papel existencial de ser mãe são imprevisíveis e incontrolláveis, visto que as circunstâncias a serem vividas podem trazer experiências inimagináveis para a mulher. E quando essa mulher não está consciente sobre essas variáveis, a probabilidade é que o “dever ser” entrará em conflito com o “ser” mulher.

Uma demanda também vivenciada pelas mulheres é a imposição do título de cuidadora de todos a sua volta. A cultura que nos envolve cobra dessas mulheres a disponibilidade ilimitada de sempre cuidar de todos. Essa mulher deve cuidar de seus pais, de seu marido ou esposa, de seus filhos, de seus irmãos (aqui chamo

atenção que normalmente a mulher é cobrada para cuidar de seus irmãos homens, pois a irmã mulher já nasce com a exigência que deve saber cuidar de si mesma), de seus amigos e tantos outros que estejam abarcados na sua vizinhança existencial. Com relação à essa





circunstância podemos verificar que alguns cuidados exigidos estão em alta na atualidade, que é o caso do cuidado com os pais já idosos.

Numa sociedade onde a expectativa de vida está aumentando a cada dia, há um despreparo para vivenciar esses anos. Uma comparação com a geração das pessoas que hoje estão necessitando de cuidados e a geração das pessoas que estão sendo requisitadas a cuidar, vemos que a tradição onde a filha mulher tinha sua existência vinculada a uma obrigação de ter que devolver os cuidados que teve dos pais enquanto criança a partir do momento que esses pais perdem sua autonomia. Hoje uma mulher a partir de seus 40 anos já pode vivenciar pais idosos que precisam de cuidados. Muitos desses cuidados não se limitam a um auxílio aqui ou outro, mas em tempo integral. E quem cuida de quem cuida? Muitas vezes, não há nenhum tipo de cuidado desse cuidador. Esse papel de cuidar na sua maioria fica a cargo das mulheres que devem dar conta da demanda de mulher, mãe, filha, esposa, amiga, trabalhadora e todas as outras personas esperadas pela sociedade. Será que cabe a mulher esse papel de responsabilidade com relação ao cuidado de seus pais? Culturalmente no Brasil e muitos outros países, a resposta é sim.

O cuidado que a sociedade idealiza da mulher sobre seus pais vai além de garantir bem-estar a eles. O cuidado entra nas especificações de um trabalho muitas vezes braçal, em que trocar fraldas, dar comida, monitorar os sinais vitais, acompanhar o dia a dia 24h, proporcionar as assistências a fisioterapia, fonoaudiólogo, psicólogo, terapeutas ocupacionais, médicos em geral, lazer e todos as outras possibilidades de bem-estar convencionadas na nossa sociedade. A pergunta é como essa mulher que por muitas vezes exerce de forma efetiva o cuidado da casa, dos filhos ainda menores, do cônjuge ou companheiro e, ainda exerce um trabalho produtivo para garantir o sustento da família, pode acrescentar em seu dia os cuidados com os pais idosos?

As casas geriátricas de longa permanência estão sendo cada vez mais procuradas para suprir essa demanda atual. Porém, o que se pode verificar é que a aceitação moral sobre a institucionalização de idosos que precisam de cuidados intensivos não está em sintonia com a imposição de uma sociedade que atribui esse papel de cuidado às filhas mulheres, na sua maioria.

Essas filhas que se encontram impossibilitadas de aceitar o papel de cuidadora de seus pais, seja por uma escolha pessoal ou por uma indisponibilidade de tempo, são julgadas como filhas ingratas e insensíveis. O olhar ainda que tímido vem sendo questionado se a responsabilidade pelas consequências do envelhecer não deve ser do próprio indivíduo que irá vivenciar esse processo natural. Entretanto, esse olhar ainda está



longe de aliviar o peso das expectativas que são depositadas nas filhas mulheres atualmente.

O cuidar da casa, do lar, da rotina do dia a dia, tem encontrado uma flexibilidade nos olhares da sociedade. Porém, afirmar que essa flexibilidade tenha cooperado por uma menor exigência no papel do “dever ser” da mulher, isso já é ilusório. A mulher ainda é a maioria nas responsabilidades do lar, seja para limpar e organizar a casa, para preparar as refeições, para fazer as compras no supermercado, seja para levar as crianças ao médico ou comparecer nas reuniões escolares. O homem no seu papel de pai que deixa o trabalho para atender uma demanda com os filhos é visto como um grande pai, um homem dos tempos modernos. A mulher que se ausenta do trabalho para cumprir seu papel de mãe ainda é só a mãe e ponto, nenhum adjetivo enaltecendo é acrescentado a ela.

Quando vemos um homem que é responsável pelos afazeres domésticos, a sociedade pode até questionar a sua orientação sexual ou sua hierarquia com relação a mulher. E será que se deveria ter hierarquia entre aqueles que decidem dividir o mesmo teto? Por que as relações de poder ainda têm que ser analisadas em todos os tipos de relações humanas? Será



que as pessoas não sabem se relacionar em posições sociais horizontais? E por que a sociedade sente conforto em colocar a mulher numa posição de subordinada hierarquicamente? A resposta está na cultura que nos envolve e constrói as nossas percepções e verdades. O confortável é o que estamos acostumados a vivenciar. Qualquer coisa diferente nos gera desconforto e, em consequência temos o impulso de atribuir estranheza e não aceitação.

O papel do filósofo clínico é escutar a narrativa sobre o termo mulher nas suas mais diversas temáticas, como maternidade, autocobrança, relações, liberdade e tantos outros que podem surgir em clínica. Ao abrir a escuta, a mulher passa a perceber quantas vezes viveu sob o peso de expectativas externas, as da família, da sociedade, do trabalho ou mesmo de si própria e, quantas vezes calou sua voz interna para caber em modelos que nunca foram seus.

A mulher, na Filosofia Clínica, ganha a possibilidade de ser vista como um ser humano na sua completude, incluindo as conquistas, as suas lutas, as suas contradições e suas perspectivas próprias. O que pode parecer comum e normal tem a possibilidade de ser questionado e modificado. O que antes tinha um significado generalizado pode ser transformado em um significado subjetivo. A construção sobre a percepção do que é ser



mulher na Filosofia Clínica tem uma liberdade autoral para quem vivencia o que é ser mulher. E nesse caso, a Filosofia Clínica permite se perceber a mulher como um ser único e livre para ser quem ela quiser ser.

A mulher ganha um espaço de acolhimento na Filosofia Clínica, reconhecendo suas prisões existenciais, sejam sociais, familiares, ideológicas, afetivas ou internas. Há uma reflexão sobre o conflito entre “ser” e “dever ser” diante das exigências impostas pela cultura e o chamado interno por autenticidade. Nesse ponto, há um resgate da identidade própria da mulher para além dos papéis reconhecidos socialmente, como mãe, filha, profissional, esposa ou cuidadora.

Ser mulher é aprender a ouvir o que pulsa dentro, mesmo quando o mundo grita lá fora. Um reencontro com o próprio ritmo, o próprio modo de sentir, de pensar e de estar no mundo. Esse processo de autoconhecimento é um movimento de reconexão com quem se é, incluindo o passado e o presente, a razão e a intuição.

A Filosofia Clínica nos lembra que o sentido da vida não é ser o que esperam que sejamos, mas em ser o que faz sentido para nós mesmos. Quando a mulher deixa de tentar se enquadrar em modelos do senso comum, ela se torna mais autêntica e isso potencializa o seu “eu”.

A escuta radical da Filosofia Clínica acolhe sem julgar, podendo compreender sem explicar. Nesse sentido, a Filosofia Clínica pode ser um caminho para que a mulher possa redefinir seus valores e critérios de verdade, descobrindo o que realmente lhe faz sentido.

A práxis da Filosofia Clínica pode ser um meio de romper com padrões externos e reconectar-se com a própria voz interior. O processo terapêutico ganha um viés de retorno à essência, onde ser mulher é ser fiel a si mesma, e não a um modelo pronto e imposto.

A presença da mulher como filósofa clínica entrega uma ideia de empatia, acolhimento e uma percepção sensível para as dores existenciais de outra mulher. Acredito que os desafios e contribuições das mulheres filósofas clínicas sejam construir uma prática mais humana e integradora para que haja uma expressão da ampliação do olhar feminino na terapia.

A inserção da mulher como filósofa clínica permite que a voz e os estudos das mulheres sejam permitidos num mundo que ainda insiste em hierarquizar homens e mulheres, como se suas competências dependessem de seu gênero.

Uma filósofa clínica entrega na sua escuta algo além dos estudos, ela entrega a sua vivência. A filósofa clínica, nesse processo, se torna parte em transformação na clínica

ao alternar os papéis de terapeuta e partilhante com quem está diante dela. O ato de declinar diante da escuta do outro, permite que a filósofa clínica questione suas próprias verdades e encontre respostas mais autênticas sobre si mesma. Numa práxis clínica o terapeuta não deve finalizar uma sessão tendo as mesmas convicções, pois como já dizia Carl Jung: *“conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.”*

Em Filosofia Clínica a escuta não é apenas um exercício profissional, mas é um viver para se aproximar do outro. E esse outro pode ser tanto aquele que procura a terapia, como o outro pode ser o estranho que habita dentro de nós mesmos e em algum momento notaremos a sua existência.

A mulher no papel de filósofa clínica e a mulher no papel de partilhante permite que os questionamentos sejam feitos mesmo que incompatíveis com o modo de ser de uma época, onde as estruturas que estamos acostumados a viver não comportam as estruturas que podem surgir com a transformação de um novo olhar sobre o que idealizamos e o que realmente somos. O questionamento sobre os papéis existenciais podem trazer conflitos e ao mesmo tempo apaziguamento sobre o que estamos preparados para enxergar. Os questionamentos trazem movimento para o conhecimento. E esse movimento pode trazer o autoconhecimento necessário para reconhecer que temos muito que aprender sobre nós mesmos e nós mesmas.

